



William Beckford.

"Mon affection pour le Portugal et mon désir d'y retourner ne cessera qu'avec mon existence."

William Beckford

Em 1994, celebrou-se o bicentenário da visita de William Beckford aos mosteiros de Alcobaça e Batalha. Na mesma altura completaram-se também cento e cinquenta anos desde a morte, em Bath, do conhecido escritor e viajante inglês que entre nós viveu no final do século XVIII. A data foi celebrada em vários países da Europa de formas diversas e por muitos beckfordianos, que continuam a reunir-se e a organizar conferências e encontros mantendo assim viva a memória daquele que, para além de escritor digno de admiração, foi arquitecto, coleccionador de objectos de arte, músico, poeta e, sobretudo, do meu ponto de vista, mecenas e promotor de cultura.

Em Portugal, um grupo dos seus admiradores e estudiosos decidiu homenagear Beckford percorrendo os mesmos caminhos que ele seguiu na região de Alcobaça e de Batalha e organizando um encontro em que foi referida, justamente, a importância cultural da obra e da presença de Beckford entre nós. Essa importância não ficou apenas restrita ao âmbito da literatura onde ele foi inovador de inúmeros pontos de vista. O seu conhecimento de história da arte e de música levou-o a ter várias actividades de mecenato no nosso país.

Beckford era um *connoisseur* exigente e um comprador de objectos de arte, que, ao longo da vida, fez encomendas aos maiores artistas da sua época. Esses objectos eram realizados de acordo com esboços e desenhos que ele próprio executava. Encontram-se provas do que acabo de afirmar, por exemplo,

nos álbuns de registo de encomendas de ourives, de marceneiros e de arquitectos famosos, que se podem consultar no museu "Victoria and Albert" em Londres.

Por outro lado, se quisermos avaliar a importância cultural da presença de Beckford em relação ao nosso país, basta pensarmos nas encomendas de pinturas que fez ao pintor Domingos Sequeira ou as composições que, para satisfazer os seus pedidos, o músico da corte, Jerónimo Lima para ele produziu. São, igualmente, dignos de menção os trabalhos que, de acordo com os seus projectos, foram realizados no âmbito da arquitectura paisagística nos terrenos das suas propriedades em Monserrate ou no Ramalhão. Quanto a objectos de ourivesaria, foram também vários os que mandou fazer aos nossos ourives, que eram, aliás, muito apreciados em toda a Europa na época. Assim sucedeu com dois famosos candelabros em ouro, que, segundo se lê em cartas do Marquês de Marialva, Beckford teria oferecido à Rainha D. Maria I, antes de regressar a Inglaterra.

Mesmo o facto de, ao partir, como refere na sua obra *Italy; with Sketches of Portugal and Spain* (1834), ter levado consigo alguns coloridos tapetes de Arraiolos, segundo afirma, com o objectivo de o aquecerem durante a viagem de regresso, contribuiu decerto para tornar conhecidos dos seus leitores estes artefactos realizados no nosso país. As descrições pictóricas que Beckford deles fez na sua habitual prosa poética são algo que todos os beckfordianos portugueses têm na memória e certamente agradecem...

É ainda de referir que a sua vida romântica inspirou escritores portugueses, como Rebelo da Silva e Malheiro Dias. E, também, que a sua obra mais célebre, *Vathek*, serviu de inspiração a um "poema-sinfónico" do compositor Luís de Freitas Branco.

Devido à amizade que mantinha com o Morgado de Mateus, que foi responsável por uma monumental edição de *Os Lusíadas* de que Beckford possuía vários exemplares na sua vastíssima

biblioteca em Fonthill, pode falar-se da sua eventual contribuição para o interesse por Camões e para a divulgação da sua obra em Inglaterra. Por outro lado, é inegável que tanto as carruagens e os coches como os cavalos e os arreios, tipicamente ingleses, que, depois de ter deixado o nosso país, continuou a oferecer e a enviar aos seus amigos portugueses, que lhe escreviam nesse sentido, como, por exemplo, o Visconde de Balsemão, contribuíram para difundir entre nós o gosto por modos de arrear os cavalos e por modelos de coches diferentes dos habituais em Portugal na época.

Ao participarmos numa actividade comemorativa como a que ocorreu em Alcobça, ou quando procuramos levar as investigações mais longe fazendo assim reviver a popularidade de Beckford em Portugal, estamos afinal a pagar uma dívida que o nosso país, entre outros na Europa, tem para com ele.

Com o objectivo de comemorar a vinda de William Beckford a Alcobça e Batalha, podemos reflectir, embora brevemente, na forma artística como ele, na sua obra intitulada *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobça and Batalha*¹, o seu segundo relato de viagens publicado em 1835 e escrito a propósito da sua visita àquela região, apresentou imagens de Portugal setecentista. Do meu ponto de vista, esta obra contém algumas das mais belas descrições escritas por viajantes estrangeiros sobre o nosso país. É, por isso mesmo, incompreensível que a obra até hoje não tenha sido traduzida para português na íntegra. Tal falta é inexplicável, entre outras razões, devido à qualidade estilística do texto que, decerto, muito agradaria a um público leitor português que apenas tem à disposição, na sua língua, uma versão de um dos diários íntimos de Beckford que ele nunca destinou a publicação. Na reali-

¹ Todas as páginas indicadas se referem a *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobça and Batalha*, London: Centaur Press, 1972.

dade, o segundo diário sobre o qual se baseou para escrever *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaça and Batalha* e que foi redigido em 1794, apenas foi publicado em Inglaterra em 1960, com o título *Beckford's 1794 – Journal*, em apêndice à obra de Howard B. Gottlieb *William Beckford of Fonthill* (pp. xxxvii-xlix), não tendo também até hoje sido traduzido entre nós.

Analisando a obra, verifica-se que Beckford fez o seu relato de forma artística recorrendo a técnicas literárias conhecidas mas referindo e tratando com pormenor múltiplos assuntos e fornecendo diversas informações fidedignas. Da forma que tão bem o caracteriza, Beckford não esquece um único pormenor. Sendo uma narrativa de viagem, as primeiras referências são necessariamente ao modo como se viajava na época e ao facto de os viajantes transportarem consigo tudo aquilo que consideravam indispensável. Beckford justifica este aspecto afirmando que o objectivo era "not to renounce one atom of their habitual comforts and conveniences" (p. 3). Deste modo, o médico, Dr. Ehrhart, levava a sua indispensável "medecine-chest"; Franchi, sendo músico, o "piano-forte" (p. 4); para o Grão-Prior da Ordem de Aviz levaram "a gauze-curtained bed" e "a fringed pillow" (p. 67) enquanto para o Prior de S. Vicente seguiram objectos destinados a higiene pessoal, como bacias e jarros de prata. Beckford não esquece ou omite qualquer pormenor. Refere a velocidade a que se deslocavam "at the rate of above three miles in two hours" e o percurso exacto que, aliás, ainda hoje se pode seguir.

Ao longo de toda a viagem, relata como era o Portugal do século XVIII e, simultaneamente, vai revelando os seus interesses pessoais. Faz descrições primorosas da paisagem, como quando fala das vistas panorâmicas das margens do Tejo. Dá informações sobre o estado da agricultura e fala das importações das colónias portuguesas e de países exóticos, como a Pérsia, de onde teriam vindo os damascos, que designa como "eggs of

the sun", e a China, local de origem das laranjeiras tão apreciadas no nosso país (p. 46).

Descreve também a paisagem humana com inúmeros pormenores e com o olhar crítico e apaixonado que o distingue. Temos, assim, retratos inesquecíveis de Portugueses de todas as classes sociais, como o do Prior de S. Vicente, "all kindness and good digestion" (p. 17); ou o do Prior de Aviz, "the most consummate professor of 'il dolce fare niente' in all Portugal and and Algarve to boot" (p. 20); de D. João VI, que Beckford apresenta de forma tão diferente daquela que nos dão alguns dos nossos historiadores; de D. Carlota Joaquina, a quem não poupa críticas, referindo "her restless intrigues of all hues, political as well as private" (p. 215) e de D. Maria I e da agonia da sua doença mental descrita em pormenor nas últimas páginas. É também pintado com palavras muito significativas um quadro inesquecível da corte e dos cortesãos em Queluz (p. 199). É-nos dado ainda um retrato perfeito do povo português, caracterizado como afável, curioso e falando sempre em voz alta, situação esta descrita nos seguintes termos: "such vociferation and deafening shouts" (p. 7).

Numa atitude que se poderia considerar iluminista, Beckford revela-nos também o seu grande interesse pela ciência através de referências ao estado da medicina e à actuação dos médicos, sobretudo quando é descrita a enfermaria, o estado dos doentes em Alcobça (p. 96) e os tratamentos ministrados nas termas das Caldas (p. 171). Por outro lado, demonstrando toda a complexidade e a ambivalência da sua maneira de ser, numa atitude que se pode classificar como típica do Romantismo, verificamos que o tema da loucura e das suas trágicas manifestações o interessavam sobremaneira. Com efeito, além do caso da Rainha, relata também o episódio de um monge louco (p. 72), que, devido à violência do sofrimento, tinha deixado de ser um jovem e alegre fidalgo transformando-se num monge enlouquecido pela dor que deambulava pelo convento

actuando como um profeta de mau agouro. No aproveitamento deste episódio intervêm elementos característicos do romance gótico e também das narrativas históricas pois contém referências ao atentado contra D. José (p. 75) e à expulsão dos Jesuítas (p. 77).

Beckford distingue-se ainda dos outros viajantes que nos visitaram na mesma época devido aos seus estudos e conhecimentos históricos que o levaram a escrever obras como *The History of France from the Most Early Records to the Death of Louis XVI* (1794). Foi, decerto, o seu interesse pela História de Portugal que o levou a intercalar referências históricas, aliás sempre correctas, com as arquitectónicas, como faz em relação aos túmulos de D. Pedro e de D. Inês, em Alcobaça (p. 36) ou às Capelas Imperfeitas (p. 120) e à construção da abóbada, na Batalha (p. 83). Ao descrever os monumentos que visita, refere-se à demanda de Prestes João (p. 8), à morte de D. Sebastião após a batalha de Alcácer-Quibir, ao episódio do Magriço e dos Doze de Inglaterra (p. 64), a D. João V, que designa ironicamente como "the very King of Diamonds and Lord of Hearts" (p. 70). Ao fazer todas estas referências, revela que o seu conhecimento da História de Portugal não se limitava apenas ao que lia na sua vasta biblioteca, onde abundavam os volumes sobre História, mas que conhecia mesmo as historietas que circulavam apenas na tradição oral.

Outra das imagens relacionadas com Alcobaça e Batalha que era pouco conhecida na Europa até então e que Beckford popularizou na sua obra foi a de Portugal à mesa. A gastronomia, tal como a história e a arquitectura, era outro dos seus núcleos de interesse, tendo escrito várias obras sobre o assunto, que publicou anonimamente ou com pseudónimos, tais como *The School of Living; or a Literary and Historical Essay on the European Kitchen* (1814), *Tabella Cibaria; or the Bill of Fare* (1820) e *Apician Morsels; or Tale of the Table* (1829). Por este motivo, o relato de viagens que escreveu a propósito da sua

visita aos mosteiros contém referências à cozinha tradicional portuguesa assim como à *haute cuisine* da Corte e das casas nobres que transformam o texto num verdadeiro tesouro de informações para todos os gastrónomos e, de uma forma especial, para os portugueses. Neste âmbito merece menção o facto de Beckford referir até o que se pode considerar como o início do interesse pelas cozinhas exóticas, como a chinesa (p. 41), assim como as importações de "rarities and delicacies of past seasons and distant countries" (p. 41). Fala ainda do gosto tão português pelos pic-nics, pelos doces (58) e pelo vinho de Aljubarrota (p. 68).

Outra das imagens de Portugal a que Beckford se refere nesta obra situa-se no âmbito da religião. Ao contrário de muitos dos outros visitantes ingleses, ele não era um protestante convicto e sentiu-se atraído pela religião católica e pela esperança que dela advinha aos que a praticavam. Cativava-o o modo como os católicos encaravam a vida, como está bem patente nas falas do Abade de Alcobaça quando afirmava: "God's bounties are great, it is fine we should enjoy them." (p. 39).

Ao pôr em contraste a nudez das igrejas, o rigor ascético e a auto-recriminação, que para ele caracterizavam a religião metodista em que tão rigorosamente fora educado pela mãe e pelas tias, com o modo como o catolicismo era então vivido em Portugal parece, de facto, preferir o cerimonial católico e ter ficado impressionado com a devoção sincera do povo português (pp. 188-189). O facto de nos conventos encontrar carpetes persas, tectos pintados, toalhas bordadas, pinturas de Grão-Vasco (p. 45), sofás (p. 48), danças, como o bolero, o fandango, a fofa e os minuets (p. 42), assim como música (pp. 104, 106) e teatro (p. 99), ao contrário do que sucede com os nossos outros visitantes protestantes, encanta-o e atrai-o. Ao seu olhar extremamente crítico não passa, contudo, despercebido que, nos conventos de frades, havia aquilo que designa como "communications with the daughters of prayer and penance" (p. 145).

As técnicas narrativas que Beckford utilizou para apresentar as inesquecíveis imagens de Portugal a que me tenho vindo a referir contribuíram para transformar *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaca and Batalha* numa verdadeira obra prima no seu género. Beckford mantém as características de escrita confessional de um diário e utiliza, portanto, a 1.^a pessoa do singular e o pretérito, além de respeitar outras convenções deste tipo de literatura. Por meio do recurso a estas técnicas narrativas, procura, certamente, aumentar a impressão de verosimilhança do relato e o seu tom autobiográfico. No breve resumo que inclui no início de cada jornada, segue, por outro lado, técnicas dos textos dramáticos, dando aos leitores o que se poderia considerar como indicações de cena. Utiliza também o discurso directo e muitos diálogos.

Entre as técnicas utilizadas aquela que, do ponto de vista literário, mais enriquece esta narrativa é, sem dúvida, é da história intercalada ou *fabula in fabula*. Esta conhecida técnica narrativa consiste em inserir no relato um episódio curto que não seja estritamente relevante para o tema central. O seu principal objectivo é excitar o interesse do leitor atraindo a sua atenção para uma história independente e tem sido muito utilizada ao longo dos tempos, por exemplo, em *As Mil e Uma Noites* e *As Metamorfoses* de Ovídio assim como por Boccacio, Chaucer, Cervantes e Goethe. Beckford, por seu lado, tinha já intercalado *framestories* nos seus romances *Modern Novel Writing, or the Elegant Enthusiasm* (1796) e *Azemias: A Descriptive and Sentimental Novel* (1797) e também no relato de viagens *Italy: With Sketches of Portugal and Spain* (1834). Em todos estes casos tinha demonstrado a sua capacidade para criar *suspense*, concentrar a acção e excitar a curiosidade dos leitores, que são elementos indispensáveis neste tipo de narrativas que se podem considerar quase como pequenos contos. Parece, porém, ter aperfeiçoado a sua arte nos três episódios intercalados na obra que dedicou a Alcobaca e Batalha visto

que eles oferecem a vantagem de se poderem considerar como tentativas em três tipos diferentes de *story in the story* e de, apesar disso, constituírem belas imagens de Portugal.

O primeiro desses episódios poderia intitular-se "Dona Francisca and her Confessor". Ocupa apenas cinco páginas (pp. 53-58) e, apesar disso, pode ser visto como um verdadeiro exercício no género de narrativas cultivado pelo Marquês de Sade ou por "Monk" Lewis. Ao lê-lo, ficamos a saber como a sensual e alegre D. Francisca deixou de ser a bailarina atraente que dançava com William Beckford e cantava modinhas para se transformar na vítima voluntária do sadismo do seu director espiritual. O retrato deste monge, descrito como "a very substantial friar" (p. 48), é feito com uma ironia requintada, como pode verificar-se nas expressões seguintes: "he is not yet forty, only think!" (p. 55) e "the most exemplary monk in that noble convent and he has such an eye" (p. 56). Através das descrições ingênuas e confiantes da mãe de D. Francisca, vamos ficando a conhecer as exigências do confessor que, hoje em dia, seriam facilmente classificadas como demonstrações de algolagnia. Beckford descreve-as insinuando claramente que, para além daquilo que a mãe pensava, se passava ali algo de perverso. Fá-lo por meio das expressões que emprega, como, ao dizer: "She (...) died under his reproof", "his enjoying her severe penances", "he has made her submit to flagellation and more than once, to goadings with sharp points" (p. 57). O episódio termina significativamente com a fuga de Beckford que é forçado a retirar-se perante a aproximação do frade.

"The Dead Stork and his Mourner" foi o título que o próprio Beckford atribuiu ao segundo episódio que intercalou nesta obra (pp. 133-135). Relata a morte de uma cegonha que, além de um flamingo, era a única presença amiga que um jovem noviço tinha no convento e era uma recordação da mãe e da terra natal, o Alentejo, de onde ambos tinham vindo. Esta curta narrativa intercalada é totalmente diferente da anterior. Nela o autor pinta

um quadro impressionista que vive sobretudo da sua excelente técnica de escrita. Encontramos também aqui os elementos anteriormente apontados em relação ao primeiro episódio. O *suspense* é, de certo modo, reforçado pelo facto de as primeiras referências aos jovens noviços e ao aspecto egípcio que lhes advém das cabeças rapadas e das longas túnicas brancas, serem feitas no dia anterior (pp. 81-82) àquele em que o episódio é intercalado e, portanto, cerca de cento e cinquenta páginas antes da passagem em que é relatada a morte da cegonha.

Beckford, de uma forma ambígua mas extremamente eficaz, faz notar como era violenta a separação e a falta de carinho a que ficavam sujeitos os pequenos noviços. Embora constitua uma interrupção no fio da narrativa principal, a descrição tão elaborada da imagem da dor da criança perante a morte do seu único amigo e da delicada figura infantil retratada em contraluz ao sol da manhã, fica gravada na memória de qualquer leitor e predispõe-no, decerto, a continuar a leitura.

Ao regressar a Alcobaça, Beckford descreve aquilo que ele próprio classificou como "one of the strangest scenes of fairyland ever conjured up by the wildest fancy" (p. 151). É nesse estranho local que decorre o episódio do seu encontro com *The Bird Queen*. Esta terceira narrativa intercalada é a mais longa das três (pp. 148-163) e é constituída por uma série de pequenos quadros que lembram uma *conversation-piece* de Hogarth. O autor utiliza o elemento da surpresa tão frequentemente presente nos contos e que, nesta narrativa, surge quando, já no fim, nos apercebemos de que toda a quinta da "eminent lady-patroness of the feathered tribe" (p. 149), em vez de ser o paraíso dos pássaros como parecia, era afinal uma gaiola gigantesca. Para além desta chamada de atenção para o facto de que se pode tomar por real aquilo que é ilusório e falso, Beckford inclui ainda excelentes retratos, tais como o da própria *Bird Queen*, com a sua ignorância (verdadeira ou fingida?) sobre Inglaterra; o do mordomo, "a most imposing cocked-hatted

personage" (p. 148); o dos "tawny-coloured menials, very slightly clothed" (p. 155) e o dos três sobrinhos "all sleek, and smooth, and sallow" (p. 156).

Todos estes episódios constituem imagens de Alcobça e da Batalha na obra de William Beckford. Cada um deles, para além de muitas outras características dignas de menção, foca um aspecto menos positivo da vida dos Portugueses no final do século XVIII. No primeiro, é criticado o sensualismo de alguns frades, no segundo, a dureza de uma vida monástica imposta mais pela necessidade do que pela devoção e, no último, a ignorância de certos nobres e o modo artificial e tirânico como viviam. Estas histórias intercaladas demonstram todo o saber e a capacidade artística e narrativa do seu autor e são bem representativas da forma original, ambígua e até carinhosa como ele fazia as suas críticas a Portugal, que aliás considerava, segundo as suas próprias palavras numa carta que dirigiu a um correspondente não identificado: "le pays que je préfère a tout autre."